

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

PROJETO DE GRADUAÇÃO EM ARTES PLÁSTICAS - FOTOGRAFIA  
**DISTOPIA DA CIDADE INVISÍVEL**

Leticia Sulzbacher Fanfa Nunes Lessa

Orientador:

Prof. Dr. Luiz Eduardo R. Achutti

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Maria Ivone dos Santos

Profa. Dra. Maristela Salvatori

Porto Alegre, julho de 2009

## **agradecimentos**

Ao professor Luiz Eduardo Robinson Achutti e às professoras Maria Ivone dos Santos e Maristela Salvatori pela contribuição ao desenvolvimento do projeto e inspiração. Assim como tantas pessoas no Instituto de Artes que contribuíram para esse exercício crítico do olhar. De forma especial ao meu marido Bruno, à minha mãe, aos familiares e amigos pelo interesse e apoio.

## sumário

<b>1</b>	<b>título</b> .....	<b>5</b>
<b>2</b>	<b>palavras-chave</b> .....	<b>5</b>
<b>3</b>	<b>área de pesquisa</b> .....	<b>5</b>
<b>4</b>	<b>introdução</b> .....	<b>6</b>
<b>5</b>	<b>fragmentos de um percurso</b> .....	<b>7</b>
	<b>5.1 representações</b> .....	<b>7</b>
	<b>5.2 referenciais</b> .....	<b>10</b>
	<b>5.3 distopias</b> .....	<b>15</b>
<b>6</b>	<b>deambulações e proposições</b> .....	<b>18</b>
<b>7</b>	<b>apresentação dos fragmentos</b> .....	<b>23</b>
<b>8</b>	<b>reflexões (conclusão)</b> .....	<b>27</b>

<b>9</b>	<b>bibliografia geral</b> .....	28
<b>9.1</b>	<b>referenciais artísticos</b> .....	29
<b>9.2</b>	<b>fontes iconográficas</b> .....	30
<b>10</b>	<b>arquivos (anexos)</b> .....	31
<b>10.1</b>	<b>fragmentos da coleção</b>	
<b>10.2</b>	<b>outros fragmentos - percurso da pesquisa</b>	

**1 título**

Distopia da cidade invisível

**2 palavras-chave**

cidade / representação / invisibilidade / fragmento / distopia

**3 área**

Poéticas Visuais

fotografia / multimídia

## 4 introdução

O invisível não é, porém,  
alguma coisa que esteja além do que é visível.  
Mas é simplesmente aquilo que não conseguimos ver.

PEIXOTO, 1996, p. 15.



fig. 1 Atget, *Rua Saint-Bon*, 1903.

O projeto consiste numa coleção de registros fotográficos e de áudio da cidade 'invisível', um imaginário urbano marcado pela melancolia e pelo esquecimento de lugares em via de substituição, aos moldes do ocorrido em Paris, na virada do século XIX - XX, onde fotógrafos coletavam 'pedaços' da antiga cidade antes das reformas urbanísticas. (fig.1.)

A partir de uma instalação que reúne esses fragmentos da cidade, através de fotografia e vídeo, *Distopia da Cidade Invisível* lança mão do arquivo para instigar a reflexão ante o isolamento, a degradação e a transfiguração do espaço urbano das grandes cidades, num exercício dialógico entre a representação e a invisibilidade.

## 5 fragmentos

### 5.1 representações

As questões da cidade e da sua representação sempre foram presentes na minha trajetória. Com uma investigação originada no curso de Arquitetura e Urbanismo, onde o exercício da documentação e do olhar para o urbano são instrumentos estruturadores das intervenções arquitetônicas, verdadeiros catálogos do repertório arquitetônico da cidade foram sendo construídos ao longo de deambulações por Porto Alegre. O olho que era lançado da paisagem interiorana à diversidade da metrópole.

Todavia, esse exercício de colecionar, selecionar e relacionar o imaginário urbano veio realmente encontrar terreno para aproximações e desdobramentos no campo das Poéticas Visuais, onde essa pesquisa se ampliou na área da fotografia.

Em *O Mundo Codificado*, de Flusser, temos que a fotografia não é representação do mundo, mas de conceitos: “fotografias são imagens de conceitos, são conceitos transcodificados em cenas”, neste contexto o projeto se vale das representações para chegar aos conteúdos

implícitos desses cenários, aprofundando a investigação do espaço urbano, através de uma coleção de fragmentos da cidade marcados pela degradação e pela indiferença, onde a representação é um artifício para tornar visível o que a anestesia social não permite ver.

Ao considerarmos que a cidade é depositária de história, como Aldo Rossi, Argan e tantos outros teóricos propuseram, temos, nos centros das grandes cidades, no patrimônio em ruínas - construções abandonadas, ocupações, poluição visual, grafite e pichações, prédios vazios ou semi-habitados, convertidos em espaços semi-abandonados entre a nostalgia e a invisibilidade - os vestígios do tempo e da relação das coletividades com o lugar e com a ideia dele.

A cidade é a memória coletiva dos povos;  
e como a memória está ligada a fatos e a lugares,  
a cidade é o 'locus' da memória coletiva.

ROSSI, 1995, p.198

Baudrillard diz que “somos apenas fragmentos, mas, ao mesmo tempo, desempenhamos um papel essencial, o de estarmos aí, de nos determos na luz, no pensamento.” <sup>[1]</sup> é neste sentido que o projeto, através das coleções de fragmentos, se coloca, para que possamos estar aí, diante daquilo que não vemos (não queremos ver), como instrumental para “pensar o mundo”.



Assim, as representações de prédios históricos e da arquitetura modelar, gradualmente foram cedendo espaço, na minha pesquisa, à documentação dos interstícios urbanos, dos muros, tapumes, ruínas, da saturação visual e dos sedimentos de uma cidade autofágica, com suas camadas rapidamente substituídas antes mesmo de serem percebidas. Numa aceitação do mundo tal como é.

[1] BAUDRILLARD, 2003, p. 133.

## 5.2 referenciais

A ampliação dos campos do conhecimento foi fundamental nesse exercício em torno da representação e da invisibilidade do espaço urbano, contando com referências dos campos da arte, da arquitetura e da filosofia, com textos que abordam fotografia, cidade e imaginário, semiótica e fenomenologia para estabelecer relações dialógicas e aproximações entre os conceitos centrais do projeto: cidade, representação, fragmento, invisibilidade e distopia.

As questões da cidade e do seu imaginário têm como referência principal a pesquisa de dois autores: Nelson Brissac Peixoto e Armando Silva.

O professor colombiano Armando Silva, no livro *Imaginários Urbanos* (2001), analisa as problemáticas urbanas da América Latina com o aporte teórico e metodológico da antropologia, da psicanálise, da teoria da comunicação, da estética e da história. Questões fundamentais ao projeto *Distopia da cidade invisível* são lançadas pelo autor no que se refere às relações com a cidade: como a temporalização dos espaços vitais e as intervenções promovidas pelo cidadão no espaço urbano, relacionadas aos significados socioculturais atribuídos.

Uma cidade é não só topografia, mas também utopia e devaneio ilusões. Uma cidade é lugar, aquele local privilegiado por um uso, mas também é lugar excluído, aquele local despojado de normalidade coletiva por um setor social.

SILVA, 2001, p. 222.

Dedicado ao estudo do pensamento visual na realidade urbana contemporânea, atualmente Silva dirige um projeto sobre culturas urbanas na América Latina e Espanha, sob a ótica dos seus imaginários sociais.

Peixoto é brasileiro, doutor em Filosofia pela Universidade de Paris-I, trabalha com questões relativas à arte e ao urbanismo e é o organizador e curador de *Arte/Cidade*, projeto de intervenções urbanas em São Paulo, desde 1994.

No que se refere às relações com a cidade e sua representação, Nelson Brissac Peixoto, no livro *Paisagens Urbanas* (1996), aponta para uma mudança determinante na maneira de ver, na visualidade, ocorrida no início do século XIX, devida, inicialmente, ao surgimento de uma nova modalidade de espectador: o espectador ambulante, o *flâneur*, em resposta aos novos espaços urbanos e às novas tecnologias e imagens que se apresentavam. O olhar contemplativo da pintura, da obra de arte única, teria sido assim substituído pelo olhar móvel e plural dessas novas

imagens, num pensamento intimamente relacionado ao discurso de Benjamin.

As questões relativas à representação e à fotografia são abordadas a partir da obra de Walter Benjamin (1892-1940), crítico literário, ensaísta, tradutor, ficcionista e poeta, atuante nos campos da sociologia e da literatura, com uma produção dedicada às relações e forças de produção do capitalismo industrial, contexto em que se enquadra o texto *A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução*, de 1936.

A necessidade de tornar as coisas mais próximas, apontada por Benjamin neste texto, está intimamente relacionada ao conceito de representação abordado no projeto. A reprodução fotográfica, neste contexto, realiza essa aproximação, todavia, o autor adverte: trata-se de uma aproximação de uma imagem transportável, que acaba por distanciar o indivíduo do objeto real e da sua aura - numa relação dialética de apego à representação em detrimento ao objeto.

Ainda no que se refere às formas de aproximação com o objeto (paisagem urbana), outro modelo teórico relevante ao projeto reside na abordagem fenomenológica do francês Gaston Bachelard (1884-1962), fundamentalmente nas obras *A Poética do Devaneio* (1988) e *A Poética do Espaço* (1993).



**fig. 2.** Julio Bittencourt, *Numa Janela do Edifício Prestes Maia 911*, São Paulo, 2005-2007



**fig. 3.** Claudio Edinger, *Minhocão*, da série *São Paulo 4x5*, 1999

A partir da lógica, da psicologia e da poesia o autor aborda as questões da imagem e de seus significados, como em *A Poética do Devaneio*, onde fala da absorção do mundo real pelo mundo imaginário, onde a imaginação, então, seria capaz de nos fazer criar aquilo que vemos.<sup>[2]</sup>

De Atget a coletivos como o *Garapa* <sup>[3]</sup> podemos estabelecer aproximações com os princípios do projeto *Distopia da cidade invisível*. Na produção artística contemporânea relaciona-se Júlio Bittencourt (1980), natural de Brasília, que através da fotografia apresenta a negligência e o descaso em uma grande metrópole no trabalho documental *Numa Janela do Edifício Prestes Maia 911*, (fig. 2) apresentando os moradores da ocupação, integrantes do MSTC (Movimento dos Sem Teto do Centro) de São Paulo, em suas janelas antes da remoção.

Também com essa abordagem social do espaço urbano, o fotógrafo Claudio Edinger (1952), registrou os pontos desconhecidos de



**fig. 4.** Bob Wolfenson, *Antifachada*, São Paulo, 2004

grandes cidades marcados pela exclusão e o abandono social, como nas séries *Cityscapes* e *São Paulo 4X5* (fig. 3) e Bob Wolfenson (1954), que em 2004 apresentou o trabalho autoral *Antifachada* (fig. 4), expondo uma São Paulo saturada e desumanizada pela escala urbana, mas que ainda assim guarda beleza em seus planos e puxadinhos.

Através dessas e outras tantas aproximações teórico-artísticas construídas ao longo da trajetória acadêmica, como os conceitos de fragmento de Baudrillard, de utopia e anti-utopia de Jacoby, do ato de ver de Georges Didi-Huberman, assim como Michael Broodthaers (1924-76), com questões pertinentes a representação, coleção e instalação, reflexões e desdobramentos vêm sendo impressos a essa coleção de fragmentos que segue se estruturando.

[2] BACHELARD, 1988, p. 15

[3] <http://www.garapa.org>

### 5.3 distopias

Esta noite sonhei com a realidade;  
como me senti aliviado ao acordar!

Stanislaw Lec in: BAUDRILLARD, 2003

A documentação - marcada pela melancolia - geralmente ocorre nos períodos de grandes alterações no meio ambiente social, registrando a dinâmica social e realimentando a memória. Exemplos dessa prática são vistos desde a fotografia dos fins do século XIX, época dos grandes projetos urbanísticos na Europa, até a produção de uma série de artistas contemporâneos e coletivos, preocupados com as questões sociais, materiais e etnográficas.

Em resposta a essa melancolia, as coleções do mundo - catalogando as cidades, os costumes, as paisagens e os seres vivos, numa ânsia de conservá-los na memória - traduzem-se em catálogos do desaparecimento. Artifícios para reter o tempo e não deparar-se com a realidade, mantendo-a na invisibilidade.

Nesse cenário surgem também as distopias, as antíteses da utopia, ou, como apresentado anteriormente, a aceitação do mundo tal como é, através de uma visão crítica que aponta para os excessos e a alienação da sociedade.



**fig. 5.** Leticia SFNunes Lessa, *Gen. João Manoel, PoA, 2008*



**fig. 6.** Leticia SFNunes Lessa, *Wenceslau Escobar, PoA, 2007*

Do grego *dys*, mau, *tópos*, lugar + *ia* <sup>[4]</sup>, a distopia caracteriza-se pela antevisão do lugar imaginário, onde reinaria o caos e a desordem. Sem idealizações sociais, o pensamento distópico traz o objeto a público seja através da sátira ou da ironia (fig. 5), ou da pura exposição da ação ou da alienação do sujeito.

No caso da invisibilidade da condição urbana, abordada pelo projeto, a distopia se refere à inação ou à alienação do sujeito (fig. 6), que pode até demonstrar comoção, indignação ou surpresa diante da representação daquele cenário, pode até apegar-se ao registro, embora siga apático quanto ao real desaparecimento do objeto.

Armando Silva fala que pode-se invocar a cidade como uma construção simbólica e, assim, compreendê-la através de sua imagem carregada de sentido. Foi no reconhecimento desse conteúdo anti-utópico, desses 'lugares maus' em inúmeros pontos da cidade que este pensamento, que já estava implícito na coleção, reconfigurou os rumos



da pesquisa.

Essas imagens urbanas dão a entender, assim, um pouco de nós mesmos. A distopia está presente na imagem e no sujeito, no que vemos e no que nos olha<sup>[5]</sup>.

[4] MOISÉS, 1982, p 129.

[5] DIDI-HUBERMAN, 1998.

## 6 deambulações e proposições

O *flâneur* [...] com seu passo lento e sem direção, atravessa a cidade como alguém que contempla um panorama, observando calmamente os tipos e os lugares que cruza em seu caminho. Com esse seu jeito de passear, como se recolhesse espécies para uma verdadeira tipologia urbana [...] Ele faz um “inventário das coisas”.

PEIXOTO, 1996, p.83

Há mais de uma década tenho experimentado essa condição de *flâneur*, cruzando as ruas de Porto Alegre e percebendo suas particularidades, transformações e tendências. Assim, os roteiros escolhidos para a coleta dos fragmentos que compõem o projeto *Distopia da cidade invisível* são terrenos revisitados e que foram objetos de trabalhos pregressos tanto em Arquitetura e Urbanismo quanto nas Poéticas Visuais.

As deambulações concentraram-se em dois eixos visados pelo mercado imobiliário e, todavia, invisíveis a grande parte dos moradores de Porto Alegre, muito embora o considerável fluxo diário de pessoas: o Centro Histórico (entorno da Rua dos Andradas e Rua Duque de Caxias) e a Zona Sul (entorno da Av. Padre Cacique e da Av. Wenceslau Escobar), georreferenciados na ferramenta Google Maps.

eixo centro



eixo zona sul





**fig. 7.** Leticia SFNunes Lessa, *Sete de Setembro*, PoA, 2009

Fragmentos de uma cidade em substituição foram encontrados nos dois eixos, em meio ao trajeto frequentemente realizado, da minha residência até o Instituto de Artes.

No Centro Histórico, edificações esvaziadas, de seu uso e sentido, cascas que em sua maioria tornam-se depósitos, garagens (fig. 7), ocupações; um patrimônio em vias de literal tombamento.



**fig. 8.** Leticia SFNunes Lessa, *Tereza Cristo*, PoA, 2008

No eixo da Zona Sul a configuração urbana tradicionalmente de lotes residenciais com amplos recuos e jardins, vai cedendo espaço ao insulamento, no progressivo avanço de tapumes (fig. 8), interstícios latentes aguardando a valorização imobiliária alavancada por empreendimentos recentes.

Da análise desses registros urbanos levantados foram reconhecidos dois atributos preponderantes das superfícies arquitetônicas como fragmentos distópicos:

As superfícies como depositárias dos sedimentos temporais da cidade e das manifestações populares, como suporte às inúmeras camadas de informação midiática (fig. 9) e ao discurso anti-utópico.



**fig. 9.** Leticia SFNunes Lessa, *Wenceslau Escobar, PoA, 2008*

E as superfícies como cascas, numa corrupção do sentido de abrigo das edificações. Estes passaram então a ser os fragmentos visuais do projeto, representações desses planos verticais, recortados de seu entorno.

Nas deambulações parecia inevitável, todavia, registrar o ruído das ruas e as reações que as pessoas tinham ao perceber alguém olhando, procurando alguma coisa. Comentários de transeuntes que, surpresos, pareciam deparar-se pela primeira vez com aqueles monumentos ao esquecimento. Assim os fragmentos de áudio passaram a integrar essa coleção. Falas que mescladas ao ruído urbano reproduzem semelhante percepção que aquela gerada pelas superfícies depositárias das camadas do tempo - a da ilegibilidade da sobreposição constante.

## 7 apresentação dos fragmentos

Jane Jacobs em *Morte e vida de grandes cidades*, de 1961, aborda a miopia, e sugere que sob a aparente desordem da cidade, existe, nos lugares em que ela funciona a contento, uma ordem complexa, que reside no uso das calçadas e na sucessão permanente de olhos que vem com isso. *Distopia da cidade invisível* pretende instigar esses olhos, para que voltem a perceber o espaço urbano.

Nesse contexto, o projeto se apresenta na forma de uma instalação, oportunizando essa aproximação, reunindo fotografia e vídeo numa transposição da invisibilidade urbana para o espaço da galeria. Por uma questão metodológica, a coleção apresentada é composta de registros digitais - fotografias realizadas entre 2007 e 2009 e áudio registrado em 2009.

A coleção de fragmentos visuais, após organização e seleção, conta com 120 fotografias coloridas, apresentadas num conjunto de ampliações (metaimagens) e na composição do vídeo, através da compilação quadro a quadro das imagens e dos fragmentos sonoros.

Os registros de áudio realizados no centro de Porto Alegre foram editados formando uma trilha contínua, sem alteração do tempo ou ruído, preservando suas características orginais, todavia, num encadeamento construído.

Onze ampliações fotográficas em formato 60x90cm compõem a montagem, favorecendo a imersão do sujeito nesses cenários. Impressas em papel mate, conferindo maior autonomia ante condições de iluminação dos espaços expositivos, as representações permitem a visualização das marcas do tempo, suas camadas e interferências.

Ambientada no espaço 1 da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, a montagem oferece um percurso natural, culminando propositalmente na janela da galeria, num convite a continuidade do exercício reflexivo do olhar para a cidade.

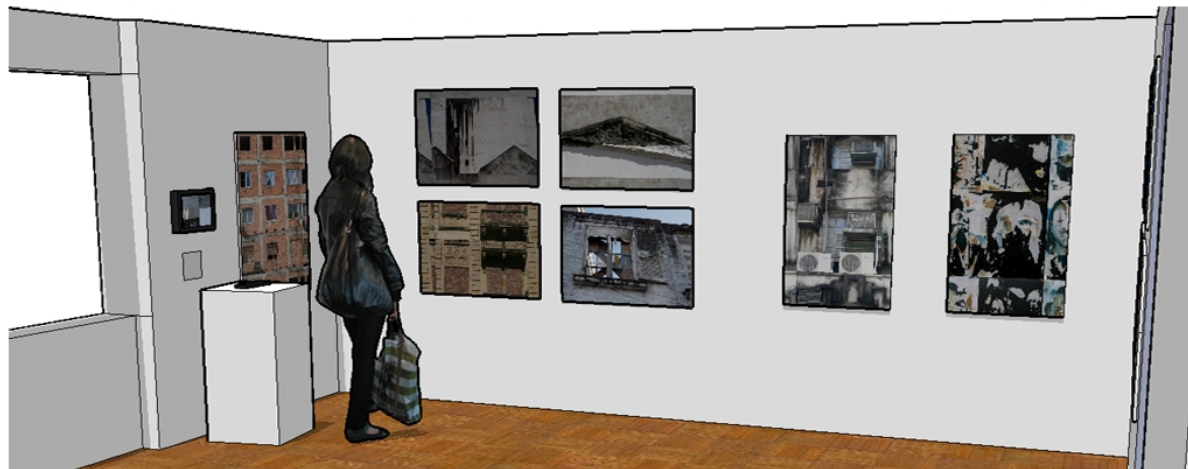
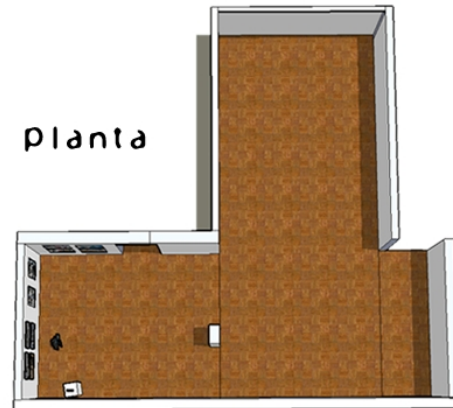


## vistas

proposta expográfica



planta



## 8 reflexões (conclusão)

Através destes fragmentos de um longo processo de investigação, tem sido possível estabelecer aproximações com a distanciada realidade, tirando da invisibilidade, através da representação, cenários urbanos saturados e super explorados.

O projeto tem permitido uma ampliação da compreensão da pesquisa em Poéticas Visuais e seus aspectos interdisciplinares e relacionais, numa compreensão das relações do sujeito e da arte com o espaço urbano. E, considerando algumas influências da minha formação, uma liberação de certos padrões estéticos.

O exercício de deambulação foi fundamental neste processo, tanto no sentido geográfico, percorrendo as ruas da cidade, quanto no sentido da pesquisa, que foi deixando-se vaguar, mudar de rumos, reconhecendo caminhos e desdobramentos há algum tempo improváveis.

A pretensão é de instigar a reflexão e seguir devaneando.

## 9 bibliografia geral

- ARCHER, Michael. *Arte Contemporânea: Uma História Concisa*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Lisboa: Edições 70, 2005.
- BAUDRILLARD, Jean. *De um fragmento ao outro*. São Paulo: Zouk, 2003.
- BELTING, Hans. *O fim da história da arte: uma revisão dez anos depois*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução. In: BENJAMIN, Walter et al. *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 3-28
- CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Ed. 34, 1998.
- FABRIS, Annateresa. *Fragmentos Urbanos: representações culturais*. São Paulo: Studio Nobel, 2000.
- FLUSSER, Vilém. *O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação*. São Paulo: Cosac Naifi, 2007.
- JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- JACOBY, Russell. *O fim da utopia: política e cultura na era da apatia*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Editora Cultrix, 1982.
- PEIXOTO, Nelson Brissac. *Paisagens Urbanas*. São Paulo: Editora SENAC; São Paulo: Editora Marca D'Água, 1996.
- ROSSI, Aldo. *A arquitetura da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- SILVA, Armando. *Imaginários urbanos*. São Paulo: Perspectiva; Bogotá, Col: Convenio Andres Bello, 2001.

## 9.1 referenciais artísticos

BITTENCOURT, Júlio

Textos críticos e iconografia, disponível em: [http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_ic/](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/)

Acesso em: 23 abril 2008

Iconografia disponível em: <http://www.juliobittencourt.com/prestes-maia.html> Acesso em: 16 junho 2008

BROODTHAERS, Marcel

D'AMBROSIO, Oscar. *Os quatro pilares da Bienal*. Portal UNESP, novembro 2006. Disponível em:

<http://www.unesp.br/aci/jornal/217/supleb.php> Acesso em: 26 abril 2008

MOLINA, Camila. *A Obra de Broodthaers em debate*. O Estado de São Paulo, São Paulo, 02 Fevereiro 2006.

Disponível em: <http://forumpermanente.incubadora.fapesp.br> Acesso em: 26 abril 2008

Textos críticos e iconografia, disponível em: <http://www.moma.org/collection/index.html> Acesso em: 04 maio 2008

EDINGER, Claudio

Textos críticos e iconografia disponível em: <http://www.claudioedinger.com/index.html> Acesso em: 16 junho 2008

Textos críticos e iconografia, disponível em: [http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_ic/](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/) Acesso em: 23 abril 2008

WOLFENSON, Bob. *Antifachada; Encadernação Dourada*. São Paulo: Cosac Naify, 2004

Texto e iconografia, disponível em: <http://www.fiap.br/hotsites/antifachada/exposicao.htm> Acesso em: 12 abril 2009

## 9.2 fontes iconográficas

**fig. 1.** ATGET, Eugene. *Rua Saint-Bon*, 1903, disponível em: <http://www.lensculture.com/rauschenberg.html> Acesso em: 12 abril 2009

**fig. 2.** BITTENCOURT, Julio. *Numa janela do edifício Prestes Maia, 911*, São Paulo, disponível em: <http://www.juliobittencourt.com/prestes-maia.html> Acesso em: 16 junho 2008

**fig. 3.** EDINGER, Claudio. *Minhocão*, da série São Paulo 4x5, disponível em: <http://www.claudioedinger.com/index.html> Acesso em: 16 junho 2008

**fig. 4.** Bob Wolfenson, *Antifachada*, São Paulo, disponível em: <http://www.faap.br/hotsites/antifachada/exposicao.htm> Acesso em: 12 abril 2009

**fig. 5.** LESSA, Leticia S F Nunes. *Gen. João Manoel, PoA*, 2008, fotografia analógica PeB com processo de revelação seletiva. Coleção pessoal

**fig. 6.** LESSA, Leticia S F Nunes. *Wenceslau Escobar, PoA*, 2007, fotografia digital. Coleção pessoal

**fig. 7.** LESSA, Leticia S F Nunes. *Sete de Setembro, PoA*, 2009, fotografia digital. Coleção pessoal

**fig. 8.** LESSA, Leticia S F Nunes. *Tereza Cristo, PoA*, 2008, fotografia digital. Coleção pessoal

**fig. 9.** LESSA, Leticia S F Nunes. *Wenceslau Escobar, PoA*, 2008, fotografia digital. Coleção pessoal

## 10 arquivos (anexos)

## 10.1 fragmentos da coleção

Leticia S F Nunes Lessa

Amostragem dos 120 arquivos que compõem a coleção visual do projeto *Distopia da cidade invisível*, fotografias realizadas entre 2007 e 2009 em Porto Alegre, RS



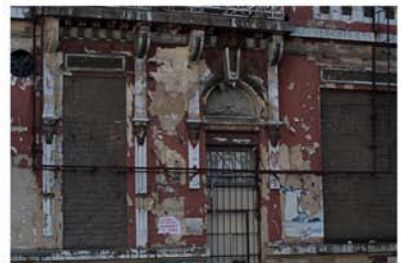




























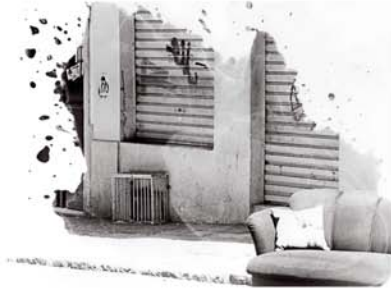




## 10.2 outros fragmentos - percurso da pesquisa

Leticia S F Nunes Lessa

Pesquisas realizadas com fotografia analógica, processos de laboratório e animação, nas disciplinas de Fotografia e Infografia entre 2007 e 2008



fotografia analógica PB | 2007



fotografia analógica PB | 2007

